

Dois centros de diálise podem ser fechados

Auditoria aponta condições precárias de duas clínicas. Pacientes do SUS poderão ser remanejados

Daniela Matta e Elaine Rodrigues

• Pelo menos dois dos 66 centros de hemodiálise do estado correm o risco de serem fechados. A auditoria realizada durante quatro meses em todos os centros do Rio conveniados com o Sistema Único de Saúde (SUS) revelou que as clínicas do Rim, em Campo Grande, e Santa Cecília, em Caxias, eram as que estavam as piores condições de funcionamento. Segundo a Secretaria estadual de Saúde, se não cumprirem as determinações dos auditores, as duas poderão ser interditadas até o fim do ano e os pacientes serão transferidos para outras unidades do SUS.

— Muitas clínicas ainda não preencheram todas as recomendações dos auditores. Essas duas são as que apresentam os maiores problemas — afirma Frederico Oliveira Caxeiro, diretor geral do Centro de Informações da Secretaria estadual de Saúde.

Na Clínica do Rim Campo Grande, foram encontradas diversas irregularidades, como inexistência de consultório médico, falta de higiene, ventilação, iluminação, equipamento para emergência incompleto, falta de médicos e enfermeiros. O relatório final dos auditores revela que a clínica, que atende 125 pacientes, não faz a manutenção periódica do sistema de purificação da água e nem o controle de qualidade da água tratada. Já na Santa Cecília os auditores detectaram problemas como inexistência de posto de enfermagem, insuficiência de médicos e enfermeiros e estocagem irregular de produtos de higiene colocados ao lado de medicamentos.

O relatório final da auditoria sugere o descredenciamento de cinco centros de hemodiálise: Santa Cecília, Rim Campo Grande, Gaffrée e Guinle, IV Centenário e Hospital Pedro Ernesto, vinculado à Uerj. O centro do Hospi-

tal Clínica IV Centenário não chegou a ser auditado porque já estava desativado. Segundo a subsecretária de Planejamento da Secretaria estadual de Saúde, Rosângela Bello, o problema com o Hospital Pedro Ernesto já foi resolvido e não corre mais o risco de ser descredenciado. Já o Gaffrée e Guinle foi fechado há dois meses e não tem previsão de reabertura.

A auditoria feita por técnicos do ministério e das secretarias estadual e da municipal de Saúde entre os meses de fevereiro e maio detectou uma série de irregularidades em todas as unidades vistoriadas. Do relatório final, consta uma série de recomendações que as clínicas terão de adotar. O cumprimento das determinações está sendo fiscalizado pelas secretarias municipais de saúde. No Rio, a supervisão das clínicas de hemodiálise começou em janeiro, através dos técnicos da Secretaria municipal de Saúde.

Segundo Sônia Ruth, da Secretaria municipal, até agora foram feitas 33 supervisões conjuntas com os auditores do Ministério e representantes do Conselho Municipal de Saúde.

O controle da qualidade da água usada no tratamento dos doentes renais está sendo monitorado todos os meses. A Secretaria estadual elabora agora uma lista única de laboratórios públicos e particulares que terão autorização para poderem ser usados pelas clínicas para fazerem os exames de qualidade.

Segundo Frederico Caxeiro, esta seria uma forma de padronizar a metodologia de análise. A Secretaria estuda ainda a criação de setores especiais nos hospitais públicos do estado para o atendimento dos doentes renais. Segundo Frederico Caxeiro, esse tipo de paciente precisa de tratamento especial mesmo quando está com doença não relacionada aos rins.

Minoria entre os centros de hemodiálise, os hospitais públicos já estão se adequando às normas do Ministério da Saúde. A maioria teve de fazer obras para melhorar o sistema de tratamento de água. Segundo Maria Manuela Alves dos Santos, coordenadora do escritório do Ministério da Saúde no Rio, a tendência é que a rede pública fique responsável pelo atendimento de emergência aos pacientes com insuficiência renal porque a maioria das clínicas conveniadas não faz esse tipo de tratamento.

— Hemodiálise em criança, por exemplo, só o Hospital Geral de Bonsucesso é que está fazendo — explica ela.

O centro de hemodiálise do Hospital dos Servidores, que já foi o maior do Rio, com 32 máquinas — e que, por isso, era chamado de nefródomo — vai reduzir sua capacidade. A idéia é ficar com dez aparelhos, que estão sendo alugados. ■